INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
CAMPUS OURO PRETO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

INGRID TOMAZIA DA SILVA

A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS ENTRE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ouro Preto
2024

INGRID TOMAZIA DA SILVA

A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS ENTRE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Minas Gerais, *Campus* Ouro Preto, como Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização em Ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Orientador: Professor Dr. Paulo Ricardo Moura da Silva

Ouro Preto
2024

S586f Silva, Ingrid Tomazia da.
A formação de leitores literários entre professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental [manuscrito] / Ingrid Tomazia da Silva. – 2024.
34 f.

Orientador: Paulo Ricardo Moura da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2024.

1. Professores - formação. 2. Formação literária. 3. Literatura. I. Silva, Paulo Ricardo Moura da. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 37:82

Catalogação: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto
Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
Seção de Pós-Graduação
Av. Professor Mário Werneck, 2590 - Bairro Buritis - CEP 30575-180 - Belo Horizonte - MG - www.ifmg.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

INGRID TOMAZIA SILVA

A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS ENTRE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso (em formato de artigo) apresentado ao curso de ESPECIALIZAÇÃO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto, como parte dos requisitos para a obtenção do título de ESPECIALISTA em ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Aprovado(a) em 31 de julho de 2024, pela Banca Examinadora:

Prof. Dr(a). Paulo Ricardo Moura da Silva - IFMG *Campus* Ouro Preto (Orientador[a])

Prof. Dr(a). Cássio Oliveira Lignani - IFMG *Campus* Ouro Preto

Prof. Ma. Laís Maria de Oliveira - IFMG *Campus* Ouro Preto

Belo Horizonte,31 de julho de 2024.

Documento assinado eletronicamente por **Paulo Ricardo Moura da Silva**, **Professor**, em 31/07/2024, às 18:11, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Lais Maria de Oliveira**, **Professora**, em 31/07/2024, às 20:06, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Cassio Oliveira Lignani**, **Professor**, em 01/08/2024, às 10:36, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade do documento pode ser conferida no site https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs informando o código verificador **1989201** e o código CRC **5890F6DF**.

23213.001837/2024-51 1989201v1

Dedico este trabalho a minha filha, Mariah, que é a maior razão de eu nunca ter desistido, e mesmo quando tudo parecia impossível, ela, com um simples sorriso, me reiniciava por dentro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida e por ter me presenteado com pessoas incríveis que estiveram comigo em cada etapa deste trabalho. São elas: a minha família, que me incentivou e apoiou desde o início; minha filha, Mariah, que mesmo com tão pouca idade foi minha companhia enquanto eu escrevia, apagava e escrevia...; meu companheiro de vida, que suportou os meus momentos mais difíceis ao longo desse processo; os colegas do curso, que foram excelentes companhias durante essa troca de experiências e aprendizagens; os professores, que dedicaram o seu tempo em prol da minha formação; o professor Paulo, que me orientou de uma forma tão humana e profissional, tornando possível a realização deste trabalho; as professoras que participaram da pesquisa, que foram essenciais para que este estudo acontecesse.

A todas essas pessoas a minha sincera gratidão!

[...] sem o leitor, os livros não passam de um
papel com tinta.
Rildo Cosson

Qualquer um que não apoie sua arte, sua vida,
não é digno do seu tempo.
Clarissa Pinkola Estés

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de investigar a participação em práticas de leitura literária de professores de Língua Portuguesa que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental no município de Mariana – MG, tendo em vista a formação que esses professores tiveram durante toda sua vida. A pesquisa se justifica por acreditarmos ser importante conhecer a história de vida dos docentes para que se possa averiguar como se deu a sua formação leitora e como essa formação contribuiu para a prática de leitura atualmente. Evidenciou-se, neste trabalho, o papel de destaque da família para que o aluno, então professor, se tornasse leitor, uma vez que o processo de formação leitora tende a se iniciar na infância, quando somos impelidos pelos nossos pais, ou algum outro membro da família, a nos aproximar dos livros literários, ou por ter visto em algum momento um adulto da família ler, ou se empenhar para que nos tornássemos leitores. Com base nos resultados obtidos, foi possível perceber que apesar de terem tido um bom contato com os livros desde a infância, os professores não têm conseguido inserir a leitura no cotidiano como gostariam por consequência da rotina de trabalho.

Palavras-chave: Formação de professores. Formação literária. Literatura. Práticas de leitura.

ABSTRACT

The present study was conceived with the aim of investigating the literary Reading practices of Portuguese language teachers working in the final years of in the municipality of Mariana – MG, considering the education these teachers received throughout their lives. The research is justified because we believe it is importante to know the life history of teachers so that we can find out how their reading training took place and how this training contributed to the practice of reading today. In this work, the prominent role of the family was highlighted so that the student, then teacher, becomes a reader, since the process of reader formation tends to begin in childhood, when we are impelled by our parents, or some other family member, to bring us closer to literary books, or for having at some point seen an adult in the family read, or committed to making us become readers. Based on the results obtained, it was possible to see that despite having had good contact with books since childhood, teachers have not been able to integrate reading into their daily lives as they would like due to their work routine.

Keyords: Literary training. Literature. Reading practices. Teacher training.

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO 09**
2 REFERENCIAL TEÓRICO 12
2.1 A leitura literária na escola e a formação do leitor 12
3 ANÁLISE DE DADOS 18
3.1 Metodologia 18
3.2 Histórias de professores: caminhos para a formação literária 18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 26
REFERÊNCIAS 27
ANEXOS 28
Anexo 1 - Relato de Memórias: Professora 1 30
Anexo 2 - Relato de Memórias: Professora 2 32
Anexo 3 - Relato de Memórias: Professora 3 34
ROTEIRO 36

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, de cunho qualitativo, objetiva investigar a participação em práticas de leitura de obras literárias entre professores de Língua Portuguesa da Educação Básica, desde o primeiro contato com a literatura, na infância, passando pela formação acadêmica, até as práticas atuais de leitura literária, já como profissionais da Educação. A pesquisa busca discutir como esses docentes se tornaram ou não leitores de obras literárias e se essa prática se mantém inserida em seu cotidiano.

O interesse pela pesquisa se deu a partir de algumas inquietações advindas de conversas na sala dos professores, quando, algumas vezes, me surpreendi com colegas de trabalho questionando o meu interesse pelos livros, ao me verem lendo algumas obras nos intervalos das aulas. Notei, então, que talvez não fosse tão comum, como eu imaginava, ver professores lendo literatura, e quis averiguar essa prática entre os docentes da área de Letras.

Muito além de apenas responder se o texto literário está ou não presente no dia-a-dia dos professores, a pesquisa se direciona, principalmente, a compreender os caminhos que esses professores percorreram durante todo seu processo de formação escolar, acadêmica e profissional, os quais os fizeram gostar ou ter aversão à literatura. Em outras palavras, é preciso ouvir os professores sobre como se deu o seu contato e as suas vivências com a leitura literária ao longo de sua vida pessoal e profissional.

Compreendemos que, para uma boa mediação de leitura na sala de aula, é preciso que o próprio professor ou professora tenha tido uma boa formação literária, afinal, como salienta Petit (2008, p. 185), um mediador não pode dar mais do que tem. Desse modo, os professores contribuem para que os alunos desenvolvam o gosto pela leitura, quando esses profissionais demostram amor por ela, ao ler e conversar sobre obras literárias durante suas aulas. Assim, concordamos com Ana Arlindo de Oliveira, quando afirma que

> o fato de haver professores que não se interessam por ler ou contar histórias para seus alunos, ou o fazem de forma aligeirada, pode significar que suas histórias de leitura tenham sido cerceadas, de alguma forma, pelo pouco contato com os livros na infância. Por outro lado, a qualificação docente pode também não ter propiciado ao professor o contato com a literatura como forma de recuperar esse elo perdido na infância (Oliveira, 2010, p. 50).

Para tanto, para a efetivação da pesquisa, usamos como metodologia a análise de relatos de memórias, uma vez que consideramos importante abrir espaço para que professores, sendo eles leitores literários ou não, tenham a oportunidade de relatar a sua experiência com a literatura e como se deu esse processo nas diferentes etapas de sua vida. Seria demasiado injusto

e pouco científico julgar os professores de Língua Portuguesa que atuam na Educação Básica por não se dedicarem à leitura de obras literárias, sem antes adotar a posição de escuta em relação a eles, com o objetivo de compreender quais as razões que possibilitaram o seu afastamento de práticas de leitura literária.

Portanto, o presente estudo foi realizado sob o pressuposto de que para se investigar a temática da formação leitora entre professores é fundamental compreender os motivos, os processos e as condições que os levaram a ler ou não obras literárias. Sempre considerando os professores como sujeitos com uma história, que é transpassada e constituída por dinâmicas sociais, e como seres sociais, que, ao participarem de uma sociedade, constroem, nas relações com o outro, a sua própria história. Por esse motivo, a fim de compreender suas histórias de vida, no que diz respeito à prática de leitura literária, é que julgamos mais apropriado, metodologicamente, utilizar o relato de memória.

A formação literária entre os jovens tem sido bastante discutida no meio acadêmico e em pesquisas em geral. A exemplo disso, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, ao analisar os resultados da 5ª edição, de 2019, lançada em 2020, aponta que os problemas recorrentes no quadro de formação leitora são:

> a formação do professor leitor; a ausência de bibliotecas escolares em cerca de 60% das escolas brasileiras [...]; a interrupção de programas importantes como o PNBE, suspenso em 2015; o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de quase 40% dos brasileiros de mais de 15 anos; [...] (Retratos da leitura no Brasil, 2020, p. 16).

Percebe-se, então, que, para além da problemática da formação do professor leitor, outras questões também contribuem para a situação de precariedade da educação literária do país. Por isso, não se deve responsabilizar apenas os docentes, em sua individualidade, pela situação em que nos encontramos, porque há um conjunto de negligências em Políticas Públicas que precarizam a formação inicial e continuada de professores, bem como a sua atuação profissional nas escolas.

Se analisarmos a formação leitora e a prática de leitura dos professores, que, segundo alguns autores, como Teresa Colomer (2007) e Michèle Petit (2008), precisam ser revistas, veremos que essa prática de leitura dos docentes advém de determinadas condições e circunstâncias, que também devem ser ressaltadas. O professor de hoje foi o aluno de ontem (aluno da Educação Básica e do Ensino Superior), isto é, não podemos nos esquecer que o formador também foi formado e continua sendo. Muito do profissional de hoje deve-se ao modo como desenvolveu-se a formação educacional desse indivíduo. Ademais, discutir as práticas de

leitura dos professores é também considerar as condições de trabalho em que estão submetidos, para não restringir a questão apenas às decisões individuais e subjetivas.

Nesses termos, abordamos, no capítulo teórico, a percepção de alguns autores sobre a formação literária, a forma como as escolas têm tentado instigar o gosto pelas obras literárias e o papel do professor como mediador. Apresentamos também nesse capítulo um panorama do quadro de leitura em que o Brasil se encontra, tendo como base dados levantados pelo Instituto Pró Livro.

Já na análise de dados, observamos, por meio dos relatos de memórias, a formação que os professores tiveram ao longo de suas vidas, e se essa formação foi o suficiente para que se tornassem leitores de literatura, e ainda, se mantêm ou não essa prática atualmente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A leitura literária na escola e a formação do leitor

Hoje, graças à democratização da escolaridade, lê-se muito mais do que em qualquer outra época da história, porém, o tipo de leitura que predomina na sociedade atual não necessariamente está no âmbito do que chamamos de literatura.

Segundo Colomer (2007, p. 51), muitas crianças e jovens, quando leem, dão preferência a textos que necessitam de pouca concentração, e a autores e obras não legitimados. Além disso, ainda conforme a autora, com a modernidade e a globalização, outras atividades proporcionam aos jovens um prazer compartilhado, como, por exemplo, a televisão, os jogos, as músicas e, acrescentemos aqui, as redes sociais.

Colomer (2007, p. 47) afirma ainda que os jovens se desinteressam pelas obras literárias quando ainda estão na fase escolar. Alguns dos fatores para tal ocorrência têm a ver com a ineficácia do processo de ensino-aprendizagem, isto é, a forma como a literatura é ensinada em sala de aula não tem despertado nos alunos o interesse em cultivar práticas de leitura literária.

Ainda hoje, é comum as aulas de literatura se reduzirem ao estudo das escolas literárias, de modo que o que prevalece é apenas a sistematização histórica da literatura e não a leitura, propriamente dita, da obra literária, com a mediação do professor. A propósito, para Martins,

> ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores, e classifica-los num período literário, mas sim revelar ao aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária. É essa integração entre o texto literário e a dimensão social que a escola poderia apresentar aos alunos. Estes deveriam perceber as possibilidades de significação que o texto literário proporciona (Martins, 2006, p. 91).

Com práticas problemáticas de ensino de literatura, que não privilegiam a construção e o compartilhamento de sentidos para a obra literária, o processo de formação de leitores na Educação Básica, de modo geral, parece não apresentar os resultados esperados, e, assim, cada vez menos os jovens se sentem interessados pela leitura literária.

O que colabora para esse quadro são as condições das escolas que não são favoráveis para a formação de leitores. Em muitos casos, a biblioteca escolar não dispõe de material necessário e de qualidade para os alunos. As condições de trabalho dos professores e a falta de recursos financeiros também devem ser consideradas, pois, em se tratando do processo de formação leitora, é importante que percebamos as diversas falhas nas políticas públicas de

fomento à leitura e formação docente. Afinal, apenas oferecer livros não é o bastante para que a leitura seja efetivada nas escolas.

Pensando nas consequências desse processo, é preciso considerar que o estudante de hoje é o professor de amanhã. Alguns desses estudantes da Educação Básica ingressam e ingressarão nos cursos superiores de licenciatura em Letras e Pedagogia com um precário letramento literário. Desse modo, podemos questionar se, nesse contexto, a universidade está conseguindo e conseguirá formar bons leitores e bons professores que sejam engajados em práticas de leitura literária, ou se esse afastamento em relação à literatura, iniciado na Educação Básica, persiste, inclusive, durante a sua formação no Ensino Superior e a sua prática profissional como docente.

Neste estudo, buscamos investigar a participação em práticas de leitura literária entre professores de Língua Portuguesa da Educação Básica. Para tanto, é preciso analisar não apenas o período de sua atuação profissional, mas também todo o seu processo de formação, desde à Educação Básica, passando pela formação inicial como docente, até a formação continuada.

Em sala de aula, os professores, evidentemente, tendem a trabalhar a literatura de acordo com aquilo que lhes foi ensinado no curso de licenciatura, que, como veremos mais adiante, também tem suas falhas em se tratando das disciplinas voltadas para o estudo da Literatura e do Ensino de Literatura. Para Colomer (2007, p. 36), o fato de docentes terem tido uma formação dividida entre línguas e literaturas pode resultar, na prática em sala de aula, em uma dificuldade de juntar as duas áreas de conhecimento, e, com isso, o professor ou a professora pode acabar por suprimir a literatura de suas práticas pedagógicas. Desse modo, as lacunas do ensino de literatura nos cursos superiores contribuem significativamente para a precariedade do ensino de literatura na Educação Básica.

Sobre a prática de leitura dos brasileiros, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró Livro, que avalia as práticas de leitura em âmbito nacional, indicou, em 2020, dados insatisfatórios quanto à leitura em nosso país. Apesar de o número de leitores ter crescido timidamente de 2011 a 2015, houve uma queda nos últimos quatro anos: 31% da população afirmou ter lido um livro inteiro no período de três meses, que é o período de referência para a definição de leitor, e apenas 18% desses livros eram de literatura. A principal razão para esse déficit de leitura na vida das pessoas, segundo elas mesmas, é a falta de tempo, o que, segundo Rildo Cosson, ao analisar a mesma pesquisa, é “apenas uma forma gentil de demonstrar desinteresse pela atividade” (Cosson, 2023, p. 12). Desinteresse que surge da falta de incentivo à leitura, sobretudo por meio de políticas públicas.

Segundo o Instituto, o livro que mais aparece como leitura principal entre os pesquisados é a bíblia, inclusive é também o livro mais lido entre os professores que participaram da pesquisa; apesar de 80% dos docentes entrevistados se declararem leitores, dos cinco autores mais citados, apenas um era um clássico da literatura: Machado de Assis; os outros nomes eram de autores de obras religiosas, de autoajuda e de *best-seller* do momento. O fato de a bíblia estar no topo das leituras preferidas, inclusive entre os professores, é um dado bastante preocupante, pois, por mais que seja considerada uma leitura importante para a sociedade, "a distância que a separa, em termos do número de leitores, de outros gêneros literários é enorme", o que demonstra uma desvalorização dos livros de literatura.

No que diz respeito ao acesso aos livros, a mesma pesquisa aponta que "o percentual de frequentadores de bibliotecas escolares ou universitárias vem se reduzindo desde 2011, quando 64% informaram frequentá-las". Essa queda pode estar relacionada ao fato de os jovens estarem cada vez mais "reféns" dos *smartphones*, de modo que sua atenção e seu tempo sejam divididos entre os livros e os aparelhos. Nota-se também que a leitura de livros indicados pela escola diminuiu consideravelmente, caindo de 30,3%, em 2015, para 26,1%, em 2019. Esse dado talvez explique o fato de a influência do professor ou da professora também ter sofrido uma queda notória, apesar de ainda aparecem como principais indicadores de leitura.

Além da sala de aula, onde o mediador de leitura é o professor, é necessário refletir também sobre as funções dos bibliotecários na formação de leitores literários, pois. esses precisam exercer seus papéis "em estreita colaboração com a equipe pedagógica e com os professores" (Campello, 2010, p. 139).

Porém, ainda com base na referida pesquisa, bibliotecários e atendentes de bibliotecas sequer aparecem como agentes motivadores de leitura, isto é, não são citados pelos entrevistados como seus influenciadores literários. Isso talvez possa se explicar pelo fato de que, hoje, em muitos casos, a biblioteca fica sob a responsabilidade de professores readaptados, realocados por problemas de saúde, ou outro servidor sem formação em biblioteconomia que só está desempenhando essa função para cumprir a carga horária de trabalho. Desse modo, as atividades realizadas nessas bibliotecas não são mediadas como deveriam, ou seja, não têm uma pessoa formada e preparada para aconselhar, propor ou conversar sobre as obras com os estudantes e demais usuários da biblioteca.

É sabido que a maioria das crianças no Brasil tem o primeiro contato com a leitura literária na escola, uma vez que as obras literárias fazem parte da cultura escolar e muitos pais não estão inseridos em práticas de leitura literária. Dessa forma, é comum que se associe a imagem do professor à figura do principal agente responsável pelo processo de formação

leitora, afinal é o docente quem vai indicar, conversar e discutir sobre as obras literárias com os alunos. Atribui-se ao professor da Educação Básica, em especial o de Língua Portuguesa, a importante função de instigar o gosto pela literatura nos alunos, embora, vale enfatizar, não seja o único agente que deve ser responsabilizado pelo letramento literário das crianças e dos jovens.

Evidencia-se o importante papel de um bom professor-mediador, pois apenas oferecer livros e disponibilizá-los às crianças não é o bastante para que elas se interessem pela literatura. Na sala de aula, ou em qualquer outro espaço da escola, o professor, como mediador de leitura, além de saber quais livros oferecer para a criança, é necessário que "ele próprio seja um usuário assíduo da literatura" (Oliveira, 2010, p. 41). A relação pessoal dos professores com os livros, a forma como falam de literatura e demonstram sua paixão pela leitura são fundamentais para o processo de formação de novos leitores. Por isso, é importante que o docente seja "alguém que lê, estuda, expõe sua leitura e seu gosto, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que propõe a seus alunos" (Mortatti, 2018, p. 41).

Desse modo, faz-se necessário investigar a formação literária entre os próprios docentes, destacando quais aspectos influenciaram positiva e negativamente para que se tornassem ou não leitores literários, a fim de compreender suas práticas pedagógicas como mediadores de leitura literária em sala de aula.

Segundo Vanderléia da Silva de Oliveira, observa-se que, nos cursos superiores e, mais especificamente, nas disciplinas da área de Literatura e de Ensino de Literatura, "[...] a ausência de reflexão sobre o que é educação literária revela a ineficácia do ensino de Literatura Brasileira na graduação, considerando que o estudo enciclopédico e informativo apenas afasta o graduando do letramento literário" (Oliveira, 2008, p.30).

Não bastasse a dificuldade de se formar leitores literários na Educação Básica, nota-se, como aponta Oliveira (2008), que também nos cursos superiores evidencia-se certo distanciamento dos graduandos em relação à literatura, sobretudo devido à organização curricular e metodológica das disciplinas, as quais não priorizam a leitura crítica da obra literária.

Colomer afirma, a esse respeito, que embora tenha havido algumas mudanças no cenário educacional, "a formação de professores continuou sendo muito deficiente do ponto de vista literário" (2007, p. 19). Tal processo explica, em partes, a dificuldade que os docentes têm enfrentado nas salas de aula ao lecionarem Literatura na Educação Básica. É preciso que os professores sejam mais bem formados para atuarem como mediadores de leitura literária em sala de aula, muito mais do que meros transmissores dos conhecimentos sistematizados pelos Estudos Literários.

Desse modo, em se tratando de formação de estudantes leitores, é importante, em primeiro lugar, refletir sobre a formação de professores leitores, revendo as práticas pedagógicas dos cursos de licenciatura, os quais são destinados justamente para aqueles que irão trabalhar diretamente com a literatura na Educação Básica.

Embora o professor e a professora da Educação Básica sejam os principais formadores de leitores literários na escola, concordamos com Jair Rodrigues da Silva, quando afirma que

> Se a escola não está formando o leitor proficiente, que detém o hábito da leitura e o faz de forma significativa, é necessário apontar as questões primordiais. Seria incorreto associar o fracasso leitor do Brasil apenas aos professores, embora seja inegável que uma das fontes de tal causa passa prioritariamente pela formação do aluno no Ensino Superior (Silva, 2016, p. 04).

Tanto as instituições de ensino público quanto os profissionais que nelas atuam dependem de ações governamentais que supram as necessidades básicas que corroboram para o processo de formação de leitores. Há, por exemplo, escolas que sequer dispõem de bibliotecas ou qualquer outro espaço para leitura, ou, quando os possuem, não passam de uma sala que funciona muito mais como depósito de livros, resultando num ambiente sem nenhum atrativo para a leitura.

Em outra passagem, Silva também questiona se os professores formados nos cursos de licenciatura – e o autor refere-se, mais precisamente, ao curso de Pedagogia – receberam "formação suficiente para exercer a função de formador de leitores" (2016, p. 02). A situação torna-se mais complexa ainda quando nos questionamos se os professores tiveram uma formação que permitiu que eles se constituíssem como leitores literários, antes mesmo de serem formadores de leitores. Afinal, como afirma Petit, é comum encontrarmos "professores de literatura que folheiam apenas os manuais pedagógicos" (2008, p. 139), sem se dedicarem a efetivamente ler as obras literárias.

Contudo, não se deve desconsiderar que para usufruirmos da literatura necessitamos de tempo para nos dedicar a ela. No caso do professor, sabe-se que esse tempo é limitado devido à intensa jornada de trabalho nas escolas e que, não raras vezes, se estende para casa com planejamentos de aula, elaborações de atividades, correções de trabalhos e afins. Desse modo, quase não lhe sobra tempo para ler obras literárias para seu próprio desfrute.

Para além das instituições de ensino, a família e a sociedade em geral também têm papéis importantes na formação de leitores literários. Compartilhamos da ideia de que a afinidade com obras literárias muito se deve à cultura, enquanto modos de ser e de viver, adquiridos no convívio social. É na interação com o outro que aprendemos a ler obras literárias,

de maneira a inserir essa prática de leitura em nossa vida cotidiana, ao ponto de ir nos construindo subjetivamente como leitores literários.

Entretanto, muitos professores, quando crianças, não vivenciaram a experiência de ver os adultos de sua família folheando e manuseando livros, de modo que não tiveram uma familiaridade com obras literárias e nem a presença física de livros em casa durante a infância. Para Petit (2008, p. 154), a presença dos livros no ambiente familiar é um aspecto que contribui significativamente para que uma criança se torne leitora, embora apenas esse contato não seja suficiente para que alguém permaneça ao longo da vida sendo leitor.

Petit (2008, p. 142) concluiu que, independentemente do nível sociocultural, a maioria das pessoas que leem viu e ouviu alguém ler durante a infância. No entanto, sabe-se que há uma tendência maior de que a literatura esteja inserida na cultura familiar entre pessoas das classes médias e altas. Assim, coube à escola a função de apresentar inicialmente os livros e a literatura aos professores de hoje, vindos de uma família de classe desprestigiada, pouco escolarizada e sem nenhuma prática de leitura literária, quando ainda eram estudantes.

Portanto, não buscamos apontar um culpado para a situação decadente da formação de leitores no Brasil, nem adotar uma posição normativa que exige que os professores de Língua Portuguesa sejam leitores críticos sem antes buscar compreender os motivos que os fizeram ou os impediram de se construírem como leitores de obras literárias. Ao contrário, acreditamos que seja imprescindível repensar os programas de políticas públicas voltados à formação docente e ao fomento à leitura, pois, assim será possível que as melhorias necessárias à formação de leitores literários concretizem-se.

3 ANÁLISE DE DADOS

3.1 Metodologia

A pesquisa em questão realizou-se por meio de análise de relatos de memórias escritos pelas professoras participantes. Dividida em etapas distintas, a pesquisa iniciou-se com a seleção das docentes por meio de um convite para participar da pesquisa, tendo como critério único estar lecionando Língua Portuguesa na Educação Básica nos anos finais do Ensino Fundamental em instituições públicas da cidade de Mariana/MG. Inicialmente, seis professores aceitaram participar do estudo.

Após o convite, a segunda etapa foi apresentar-lhes detalhadamente a proposta da pesquisa. Nesse momento, vale ressaltar que, ao tomarem conhecimento do que efetivamente tratava o estudo, três dos professores desistiram de participar da pesquisa, fazendo-se entender que o assunto a ser abordado não lhes parecia agradável para escrever sobre ou que não tinham tempo disponível para a produção do memorial. Foi preciso, então, buscar outros participantes, o que não foi possível conseguir dentro do prazo estabelecido para realização dessa etapa.

Ainda durante a seleção dos professores, observou-se que alguns deles também não se sentiam à vontade para relatar sobre o tema, e alguns o fizeram apenas para não "atrasar a pesquisa" – como disse uma professora participante. Diante das dificuldades para selecionar mais docentes, como fora dito, a pesquisa se realizou com três participantes apenas.

Para orientar a escrita do relato de memórias e motivar a rememoração, foi disponibilizado às professoras um roteiro, que se encontra em anexo ao fim deste trabalho, com algumas perguntas a respeito do seu processo de formação como leitoras literárias, desde o primeiro contato com a literatura, passando pela formação acadêmica, até as práticas de leitura atualmente, já como profissionais da Educação.

Conforme estabelecido no termo de consentimento assinado pelas professoras, elas não terão os nomes identificados, e para manter sua privacidade respeitada, nos referiremos às docentes como Professora 1, Professora 2 e Professora 3, por ordem de entrega dos relatos de memórias.

3.2 Histórias de professores: caminhos para a formação literária

Em se tratando do primeiro contato com as obras literárias, a Professora 1 afirma que sua aproximação com a literatura, na infância, se deu através de histórias que eram contadas

por sua mãe, que apesar de não ser leitora, narrava algumas histórias conhecidas para os filhos, e que sempre teve contato com livros, pois em sua casa

> morava uma tia que estudava. Era muito interessante ficar olhando e admirando os trabalhos escolares dela e em especial os livros que ela lia para as atividades solicitadas pelos seus professores. Às vezes, ela me mostrava as gravuras e ilustrações presentes nos livros e isso me encantava (Professora 1).

O fato narrado pela professora remete às ideias de Petit (2008), em que o simples fato de uma criança ver um familiar lendo e manuseando livros pode ser um facilitador para que ela se interesse também pelo material de leitura. Os vínculos familiares contribuem significativamente para reforçar os vínculos com a leitura.

A Professora 2 teve seu primeiro contato com a literatura através de livros que ganhava das bibliotecas públicas da cidade onde viveu a infância e, com o esforço do pai, que, mesmo as condições financeiras não sendo favoráveis, sempre a incentivava a ler, pois, segundo ela, o pai

> buscava livros no lixo para trazer. Minha família é de origem humilde, mas meu pai sempre me incentivou a estudar e me apoiou em todas as etapas da minha iniciação à leitura, desde os anos iniciais até a conquista do tão sonhado diploma de graduação (Professora 2).

Nota-se que o gosto pela leitura literária é atravessado pela situação socioeconômica da família, que por não poder comprar livros novos o pai recolhe livros no lixo para estimular a leitura da filha. Vale ressaltar que não se deve romantizar esse ato, porque a heroicização do pai camuflaria as desigualdades sociais que condicionaram as alternativas do pai para garantir livros para sua filha. O gesto paterno surtiu efeitos positivos para a sua formação leitora, porque indica o grande valor que o pai atribuía à leitura, o que demonstra que

> pode ser menos paralisante ter pais que, embora analfabetos, valorizam o conhecimento e o livro do que ter pais que fizeram um percurso escolar caótico e mantém uma relação muito ambivalente com a escola, transmitindo-a de forma consciente ou não a seus filhos (Petit, 2008, p. 142).

Os filhos podem se tornar leitores pelo desejo de seus pais, que reconhecem a importância dos livros para o desenvolvimento educacional e humano. A dedicação dos filhos à leitura passa a ser um motivo de orgulho dos pais, o que pode fazer com que os filhos se sintam valorizados e amados pela família, conforme podemos observar no relato da Professora 1: “Era muito bom ouvir meus pais dizendo aos amigos, com orgulho, que eu gostava muito de ler”.

A Professora 3 teve acesso às primeiras obras literárias na escola, na antiga primeira série; em seguida, a mãe a cadastrou como leitora na biblioteca municipal da cidade em que moravam, onde conheceu a bibliotecária que incentivou ainda mais suas práticas de leitura nessa fase da vida. Ela alega, ainda, não se lembrar de algum familiar que tinha o hábito de ler obras literárias, e que as vezes que via alguém lendo era algum agente bibliotecário.

Um ponto importante a ser observado é que, mesmo no caso em que a família não tinha nenhuma prática de leitura literária, os familiares foram essenciais enquanto incentivadores. Eles não liam, mas faziam questão que a criança lesse, como no caso da Professora 2, cujo pai recolhia livros para levar para casa para que ela tivesse acesso à leitura, e da Professora 3, cuja mãe, mesmo não tendo práticas de leitura literária, a inscreveu como usuária da biblioteca da cidade, confirmando, assim que traz Michèle Petit:

> [...] tornar-se leitor é também, com frequência, uma história de família. Pois, se há pais que desconfiam dos livros, há outros que dão uma grande importância à dignidade que se adquire em ser "sábio", culto, letrado [...] E mesmo se esses pais não podem ajudar concretamente seus filhos em suas tarefas ou leituras, manifestam regularmente, com palavras, gestos, seu desejo de que apropriem dessa cultura da qual eles foram privados (Petit, 2008, p. 142).

A participação dos pais na formação leitora de seus filhos nem sempre será necessariamente direta e implicará obrigatoriamente em resultados positivos. Mas podemos sugerir que alguns atos que demonstrem o interesse verdadeiro dos pais para que seus filhos leiam são fundamentais para que a participação em práticas de leitura se concretize.

A situação socioeconômica da família, aspecto que influencia nas práticas de leitura, também foi citada pelas professoras. Nos dois primeiros casos, as docentes afirmam vir de família humilde, com poucos recursos à época, já a Professora 3 diz que a situação financeira da família era relativamente boa, e que, mesmo tendo acesso a livros, a família não era leitora, de modo que, como já fora mencionado anteriormente, o seu gosto particular pela leitura se deu muito mais por intermédio de uma bibliotecária da biblioteca municipal que frequentara.

Dessarte, fica evidenciada a importância das bibliotecas públicas para o desenvolvimento social e cultural do país, uma vez que é por meio desses espaços que muitas pessoas têm a oportunidade de se conectar ao universo da literatura.

Em se tratando das bibliotecas escolares, apesar de em muitos casos existirem bibliotecas que funcionam apenas como depósitos de livros, felizmente, ainda temos aquelas que cumprem o seu papel como espaço de mediação, cujo objetivo primordial é desenvolver e fomentar a leitura. Esse é o caso das bibliotecas citadas pela Professora 1, que nos conta que nas escolas em que estudou "havia ótimas bibliotecas, onde podíamos pegar emprestados os

livros que mais nos chamasse a atenção. Eu terminava um e logo em seguida já estava escolhendo o próximo. ” (Professora 1).

Observemos, agora, a forma como a literatura era trabalhada em sala de aula, quando as atuais professoras eram alunas na educação básica, e como o processo de ensino-aprendizagem foi essencial para que elas tivessem uma boa recepção dos textos literários na infância e na adolescência.

A Professora 1, lembrando que se trata da professora que, em casa, ouvia histórias lida pela mãe, teve um bom contato com a literatura nos anos iniciais da etapa escolar. Ela conta que

> A forma como ela (a sua professora) lia para a classe me deixava deslumbrada e eu sonhava em aprender a ler para poder desvendar as histórias dos livros que eu via. Na escola também aconteciam tardes de autógrafos, onde autores eram convidados a irem até a escola para palestrarem e autografarem os livros que comprávamos com a autorização dos nossos pais. Concluído meu processo de alfabetização, comecei a ler bastante e sempre pedia a minha mãe que comprasse livros. Ela, apesar de não ter o hábito de leitura, assim como as demais pessoas em minha casa, sempre me incentivou e atendia aos meus pedidos de livros, quando podia (Professora 1).

Com base no fragmento, podemos observar que é inegável a importância de se oferecer obras literárias às crianças, bem como a importância de um bom mediador, que tenha criatividade e saiba cativar os seus alunos com bons livros e uma boa prática de leitura. Afinal, consoante Oliveira, “quando o professor é um entusiasta da leitura e comunica esse entusiasmo às crianças, existe grande possibilidade de que essas sejam seduzidas pela leitura” (2010, p. 51). Eles, os professores, são os mediadores “que se apresentam como atores principais de intermédio entre a criança e o texto. São os mediadores que irão traçar o caminho que esta criança irá percorrer” (Burlamaque *et al.*, 2011, p. 75).

Para além da sala de aula, eventos de fomento à leitura literária também são bem vistos pelos alunos, como cita a professora em questão, que relembra as “tardes de autógrafos” com escritores que visitavam as escolas para falarem sobre suas obras e autografarem alguns exemplares.

A Professora 2 conta que a influência de suas professoras na educação básica foi basilar para que hoje ela também se tornasse professora de Língua Portuguesa, e que assim que tomou gosto pelos livros o seu interesse pela leitura só aumentava. Ela conta:

> Devorei incontáveis romances aventuras e clássicos literários. A cada livro que lia, expandia meus horizontes e aprendia algo novo. Eu adorava pronunciar palavras novas que havia aprendido. A leitura se tornou uma parte essencial da minha vida,

> uma porta para a compreensão do mundo ao meu redor e também uma fuga para o mundo imaginário que havia criado (Professora 2).

Aqui é possível perceber que a professora já havia aprendido a gostar de ler literatura, e que cada vez mais se sentia motivada a ler porque sentia que aprendia com as obras literárias. A literatura servia também, como ela finaliza, como uma "fuga para um mundo imaginário", que, como sabemos, é uma das possibilidades de experiência literária: afetar o imaginário do leitor.

A Professora 3 também nos conta, com entusiasmo, das lembranças das aulas de Língua Portuguesa, das professoras que "liam muitos textos narrativos, como crônicas, apólogos e contos..." e que isso despertava nos alunos o desejo de ler sempre mais. Posteriormente, ela, já numa outra escola, relembra a biblioteca, "cheia de livros bons", onde podia pegar livros emprestados semanalmente.

Isso demonstra a importância de um bom acervo nas bibliotecas escolares, com livros que interessem os alunos. E, mais uma vez, faz-se importante o papel do professor, que, nas escolas, é um dos responsáveis pelas escolhas das obras literárias que as bibliotecas irão receber, além de poder integrar a biblioteca em suas práticas pedagógicas, como, por exemplo, na criação de projetos de leitura literária a serem desenvolvidos para além da sala de aula.

Portanto, o professor que tem prática de leitura terá mais autonomia e qualificação para auxiliar na seleção das obras literárias e desenvolvimento de atividades voltadas para a leitura literária, pois é quando se oferece textos literários de qualidade e com uma boa mediação que se é possível estimular a imaginação da criança (Oliveira, 2010, p 45).

Na graduação, as professoras tiveram diferentes percepções das aulas de literatura. A Professora 1 conta que até o Ensino Médio achava as aulas de literatura prazerosas, pois, percebia a paixão de seus professores pelos textos literários que levavam para a sala de aula, mas que a situação se tornou diferente no Ensino Superior, quando cursava Letras:

> As aulas de Literatura não eram mais tão agradáveis. Já não conseguia mais perceber o mesmo gosto pelos livros que via nos professores da Educação Básica. Continuei leitora frequente porque já havia adquirido o hábito, mas geralmente lia o que era indicado pelos professores, mais por obrigação que por gosto. A forma como os professores abordavam a teoria literária era maçante, apressada e desinteressante (Professora 1).

Como já fora comentado em outro momento, essas lacunas nos cursos superiores tendem a desestimular ou distanciar o aluno, futuro professor, da literatura. Em *A Literatura em Perigo,* Tzevetan Todorov entende essa teorização nos cursos de Letras como uma "inversão" no ensino de literatura, em que se ensina o que dizem os críticos não o que diz a

obra. E como consequência desse modo de ensino nos cursos superiores, os professores da Educação Básica tendem a usar as obras literárias apenas para fins conteudistas, como lhes é cobrado no plano curricular. Para o historiador,

> O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá costas a esse horizonte ("nesta semana estudamos metonímia, semana que vem passaremos à personificação"), arrisca-se a nos conduzir a um impasse – sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura (Todorov, 2023, p. 33)

Vemos, com base no excerto, que o ensino de literatura tem tomado outros rumos nas escolas, e que isso é o "reflexo de uma mutação ocorrida no ensino superior", que compreendia que *apenas* o estudo do sentido da obra não era o bastante para tornar esse estudo efetivo, considerando-o pouco científico. Para Todorov, a "tradição universitária [...] não concebia a literatura como interpretação do mundo" (Todorov, p. 38). Ou seja, era preciso estudar as teorias para que a obra tivesse um fundamento, um sentido.

No caso da professora em questão, a Professora 1, apesar de notar uma certa falha no ensino de literatura na graduação, pôde manter-se leitora, porque já havia adquirido o gosto pelas obras literárias na Educação Básica, o que significa que sua formação nessa etapa foi conduzida por professores que compreendiam a importância de priorizar a leitura e o estudo da obra, não apenas o conhecimento da história da literatura. De outro modo, o futuro professor ou professora que dependesse do curso superior para se aproximar da literatura, nessas condições, poderia não ter desenvolvimento satisfatoriamente os conhecimentos e as práticas de leitura literária que são fundamentais para a sua atuação profissional em sala de aula.

A Professora 2, por outro lado, conta que, na faculdade, se interessou muito pelas disciplinas de Estudos Literários, Literatura Brasileira e Literatura Africana, mas não menciona em seu texto quais foram as contribuições do curso para sua formação enquanto leitora de obras literárias.

O aproveitamento das aulas de literatura pela Professora 3 destoa bastante da opinião trazida pela Professora 1: enquanto essa não sentia entusiasmo pelas aulas, aquela afirma que as aulas eram muito boas, e afirma que

> Quando cursei Letras na UFOP, tive muitos professores bons de literatura estrangeira e brasileira. Eles me apresentaram os maiores clássicos da literatura universal, e os melhores escritores nacionais e internacionais. As disciplinas da área de literatura eram sempre empolgantes para mim. Eu escolhi algumas disciplinas baseadas nos professores que as ministravam, pois sabia que eles verdadeiramente iriam nos motivar a ler e a conhecer renomados autores e suas respectivas obras (Professora 3).

Talvez, ou porque já gostasse demasiado de literatura, ou porque seus professores de literatura na graduação sabiam exatamente como trabalhar os textos literários de modo a tornar as aulas interessantes, a Professora 3 pôde vivenciar boas experiências durante o curso superior. Fato esse que também contribuiu para que, hoje, ela se tornasse uma profissional que mantém a prática e o gosto pela leitura literária, o que a auxilia no seu trabalho pedagógico em sala de aula.

Importante frisar que, ao afirmar que escolhia as disciplinas com base nos professores que a ministravam, e, por isso, as aulas eram boas, podemos nos questionar se a Professora 1 teria tido experiências melhores se também tivesse optado por disciplinas de literatura com outros professores, que tivessem mais domínio pedagógico e didático para construir melhor o processo de ensino-aprendizagem.

Quanto à formação continuada, a Professora 1 tem especialização na área de Linguagens. Segundo ela, a formação continuada foi essencial para que pudesse conhecer obras e autores que ainda não conhecia, e que isso contribuiu muito para o seu desejo de ler mais obras literárias. A Professora 2 é pós-graduada em Produção Textual e ingressou recentemente numa segunda pós-graduação em Formação Docente, que, segundo ela, a levará a "novos campos da leitura". A Professora 3 é mestra e doutora; para ela, o mestrado foi fundamental para o seu conhecimento sobre a teoria literária, ao passo que o doutorado a aproximou mais das obras em si, mais especificamente da literatura brasileira.

Vemos, então, que, nos três casos, houve e há a formação continuada das professoras, o que, como sabemos, é um fator que também contribui para a formação literária.

Atualmente, discute-se, com frequência, a importância de que os professores sejam leitores, atuando como modelos para seus alunos. Entretanto, é imprescindível que consideremos o tempo que esse professor tem para se dedicar à leitura, levando em conta suas condições de trabalho. Muitas vezes, o professor e a professora de Língua Portuguesa sentem a necessidade de ler obras literárias, no entanto, devido à própria rotina de trabalho, desenvolvida tanto na escola como em casa, não encontram tempo disponível para se dedicarem à leitura como gostariam, como narra a Professora 1:

> Atualmente, quase não leio obras literárias, apesar de ter esse desejo. O excesso de burocracias que envolvem a profissão de professora e a leitura de material relacionado à profissão ocupam, na maioria das vezes, todo tempo que teria para me dedicar a essa leitura. Nossa profissão, infelizmente, tem sido um dificultador para que possamos nos dedicar não só à literatura como também a outras atividades que nos proporcionam bem-estar (Professora 1).

É um tanto contraditório pensar que aqueles que mais deveriam ou necessitariam de ler obras literárias em função do seu trabalho não conseguem fazê-lo pelo motivo que o próprio trabalho dificulta a leitura. A história se repete com a Professora 3, que também afirma não ter tido muito tempo para se dedicar à leitura literária, como podemos observar na seguinte passagem:

> Atualmente, não frequento espaços de leitura ou bibliotecas, salvo quando proponho atividades de leitura aos meus alunos. Todavia, em horas vagas, quando posso, procuro ler e reler clássicos da literatura brasileira para aprimorar meu repertório sociocultural e melhorar a qualidade das minhas aulas. Acredito que seja fundamental que o professor de Português disponha parte do seu tempo para a leitura literária, embora, com tanto trabalho, seja quase impossível, como no meu caso (Professora 3).

Vemos que há uma certa exigência que o professor e a professora de Língua Portuguesa tenham práticas de leitura e que as faça de forma crítica e aprofundada. No entanto, pouco se discute sobre o tempo que os docentes têm para ler obras literárias, até mesmo as que indicam aos seus alunos, devido às suas condições de trabalho.

Pode-se notar, com base nos fragmentos acima, que, embora tenham tido um bom contato com a literatura na infância e adolescência, as professoras que participaram deste estudo compartilham do mesmo sentimento: o anseio de quer ler mais e não poder, por falta de tempo. Desse modo, discutir sobre a formação de leitores literários na educação básica implica também em colocar em questão a precarização do trabalho docente na atualidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi elaborado com o intuito de analisar a participação em práticas de leitura de professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e como se deu sua formação literária ao longo de toda trajetória de vida escolar, acadêmica e profissional.

Ao final da pesquisa, cuja metodologia baseou-se na análise de relatos de memórias, foi possível observar que a leitura que predomina entre as professoras participantes da pesquisa é aquela exigida pelo trabalho, e que a obra literária em si, apesar de se fazer presente no cotidiano profissional das docentes, acaba perdendo espaço na vida pessoal devido à falta de tempo para se dedicar à leitura.

A formação leitora das docentes deveu-se, principalmente, as suas professoras e professores de Língua Portuguesa, da Educação Básica, que fizeram um bom trabalho enquanto formadores de leitores literários. Nota-se também que a participação da família, como já era esperado, foi crucial para os primeiros contatos com os livros na infância. Foi graças ao esforço dos pais que as docentes puderam ter a primeira experiência com a literatura, que se intensificou à medida em que avançavam em sua formação na Educação Básica e, posteriormente, no Ensino Superior.

Nesse contexto, as experiências foram bem diferentes. Observou-se que, no curso de Letras, o ensino de literatura não teve uma opinião unanime com relação à qualidade das aulas, diferentemente da Educação Básica – na qual as três professoras disseram terem sido muito boas. Na graduação, por exemplo, a Professora 1 não teve boa receptividade quanto ao ensino de literatura. A importância da formação continuada também é um ponto evidenciado nos relatos de memórias, pois, ela contribui significativamente para que o ensino de literatura seja efetivo em sala de aula.

Desse modo, evidenciou-se que, mesmo não podendo usufruir da literatura para deleite como gostariam, as professoras participantes da pesquisa tiveram um bom contato com os livros literários durante sua trajetória de vida, especialmente na infância – que é uma das fases mais importantes para se iniciar como leitor literário. O que permite concluir que, para os professores, o trabalho é o aspecto que mais dificulta quando se trata de disponibilidade para praticar a leitura literária. Ou seja, se hoje temos professores não-leitores de obras literárias, podemos dizer que, muito possivelmente, não o são por condições de trabalho que possibilitem as condições favoráveis à leitura.

REFERÊNCIAS

CAMPELLO, Bernadete. A Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem. *In:* PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura:** ensino fundamental. Brasília: MEC, SEB, p. 127-142. (Coleção Explorando o Ensino)

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculo de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2023.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: Quais os desafios do professor? *In:* BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 83-102.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Entre a literatura e o ensino**: a formação do leitor. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. Formação inicial do profissional em Letras e a Educação literária: anotações sobre os contextos brasileiro e português. **Interfaces**, Guarapuava, v.9, n.1, p. 128-147, 2008. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5308/3702. Acesso em: 03 ago. 2023.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

RETRATOS da leitura no Brasil. Instituto Pró-livro, 2020. Disponível em: www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf. Acesso em 12 fev. 2024.

SILVA, Jair Rodrigues da. A formação do professor leitor: o curso de pedagogia em foco. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2., 2016, Franca. **Anais eletrônicos** [...]. Franca: Unesp, 2016. Disponível em: https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-planejamentoeanalisedepoliticaspublicas/iisippedes2016/jair.pdf. Acesso em 03 ago. 2023.

TODOROV, Tzevetan. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2023.

ANEXOS

Anexo 1 - Relato de memórias: Professora 1

Meu "despertar" para a leitura

Meu primeiro contato com a Literatura aconteceu através de histórias que me foram contadas na infância, primeiro por minha mãe, que lia muito para mim e também nos primeiros anos da escola, quando minhas professoras também tinham o hábito de contar muitas histórias para a classe. Sempre tive contato com livros. Em minha casa, morava uma tia que estudava. Era muito interessante ficar olhando e admirando os trabalhos escolares dela e em especial os livros que ela lia para as atividades solicitadas pelos seus professores. Às vezes, ela me mostrava as gravuras e ilustrações presentes nos livros e isso me encantava.

À medida que o nosso processo de alfabetização foi evoluindo, as professoras indicavam livros de acordo com a etapa em que cada aluno se encontrava. A forma como elas liam para a classe me deixava deslumbrada e eu sonhava em aprender a ler para poder desvendar as histórias dos livros que eu via. Na escola também aconteciam tardes de autógrafos, onde autores eram convidados a irem até a escola para venderem e autografarem os livros que comprávamos com a autorização dos nossos pais. Concluído meu processo de alfabetização, comecei a ler bastante e sempre pedia a minha mãe que comprasse livros. Ela, apesar de não ter o hábito de leitura, assim como as demais pessoas em minha casa, sempre me incentivou e atendia aos meus pedidos de livros. Era muito bom ouvir meus pais dizendo aos amigos, com orgulho, que eu gostava muito de ler. Outro fato positivo é que havia nas escolas nas quais estudei ótimas bibliotecas, onde podíamos pegar emprestados os livros que mais nos chamassem a atenção. Eu terminava um e logo em seguida já estava escolhendo o próximo.

Também no Ensino Médio, as aulas de Literatura eram sempre muito prazerosas. Tinha uma aula por semana e percebia claramente a paixão dos meus professores pelos livros e textos que levavam para a sala de aula, despertando o interesse da maioria da classe.

Durante o curso de Letras, a situação se tornou diferente. As aulas de Literatura não eram mais tão agradáveis. Já não conseguia mais perceber o mesmo gosto pelos livros que via nos professores da Educação Básica. Continuei leitora frequente porque já havia adquirido o hábito, mas geralmente lia o que era indicado pelos professores, mais por obrigação que por gosto. A forma como os professores abordavam a teoria literária era maçante, apressada e desinteressante.

Atualmente quase não leio obras literárias, apesar de ter esse desejo. O excesso de burocracias que envolvem a profissão de professora e a leitura de material relacionado à profissão ocupam, na maioria das vezes, todo tempo que teria para me dedicar a essa leitura. Nossa profissão, infelizmente tem sido um dificultador para que possamos nos dedicar não só à Literatura como também a outras atividades que nos proporcionam bem-estar.

Anexo 2 - Relato de memórias: Professora 2

Relato de Memória

Lembro-me vividamente do meu primeiro encontro com a leitura quando ainda era criança. A estante velha de madeira, construída pelas mãos do meu amado pai, foi aos poucos sendo preenchida com os exemplares que ganhava das bibliotecas que frequentava, como a da escola municipal Padre Francisco José da Silva, a escola estadual Santa Rita de Cássia e a Biblioteca Pública de Viçosa. Além disso, meu pai sempre buscava livros no lixo para me trazer.

Minha família é de origem humilde, todos com pouca ou nenhuma escolaridade, mas meu pai sempre me incentivou a estudar e me apoiou em todas as etapas da minha iniciação à leitura, desde os anos iniciais até a conquista do tão sonhado diploma de graduação.

Lembro-me do primeiro livro que li aos 8 anos. Não me recordo do nome, mas lembro-me da narrativa, que era sobre a viagem de uma moça com sua família. Aquela história me encantou e ali começou a minha jornada no mundo literário. Mesmo sem entender todas as palavras contidas naquelas páginas, senti-me fascinada pela história.

À medida que crescia, meu interesse pela leitura só aumentava. Devorei incontáveis romances, aventuras e clássicos literários. A cada livro que lia, expandia meus horizontes e aprendia algo novo. Eu adorava pronunciar palavras novas que havia aprendido. A leitura se tornou uma parte essencial da minha vida, uma porta para a compreensão do mundo ao meu redor e também uma fuga para o mundo imaginário que havia criado.

Com o tempo, esse amor pela leitura e a influência das minhas professoras de língua portuguesa me levaram a escolher a carreira das letras, com foco na língua portuguesa. Isso me levou a ingressar na Universidade Federal de Ouro Preto no curso de Letras-Licenciatura em Língua Portuguesa. Durante a faculdade, me interessei muito pelas disciplinas de estudos literários e literatura portuguesa de línguas africanas.

Em 2018, me formei e ingressei na Educação Básica como professora de língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos. Neste momento, foi necessário repassar o que aprendi durante minha jornada com a leitura para os meus alunos. Minhas leituras tomaram um novo caminho, dando lugar a novos autores.

Em sala de aula, percebi que muitos alunos não tinham o hábito de leitura, e venho tentando despertar o gosto e o interesse por meio de oficinas e atividades de leitura criativas. Tive a oportunidade de trabalhar com meus alunos ao longo desses anos alguns textos como peças teatrais a exemplo de “O Auto da Barca do Inferno”, “O Auto da Compadecida”, e também textos como “Morte e Vida Severina”, “O triste fim de Policarpo Quaresma”, e “O cortiço”. Estes são apenas exemplos que ficaram marcante em minha trajetória até aqui como professora.

Recentemente, concluí a especialização em pós-graduação em produção textual e ingressei na pós-graduação de Formação de Docentes, o que me levará a novos campos de leitura.

Olhando para trás em minha jornada de leitura e minha formação em Letras Língua Portuguesa, não posso deixar de agradecer. A leitura não apenas abriu portas para meu entendimento do mundo, mas também me permitiu compartilhar essa paixão com os outros, tornando me uma professora e uma eterna aprendiz da língua e da literatura. Minha jornada está longe de terminar.

Anexo 3 - Relato de memórias: Professora 3

Relato de Memórias

Bom, meu primeiro contato com os livros, na verdade, em minha época de infância eram livros, se deu quando eu cursava a Primeira série, atual segundo-ano do Ensino Fundamental. Minha mãe me cadastrou como leitora na Biblioteca Municipal da minha cidade, que ficava duas quadras abaixo da escola em que eu estudava. Desde então, quando conheci a bibliotecária, a qual incentivava muito a nossa leitura, mostrando-nos os melhores livros e coleções, eu lia, ao menos, dois livros por semana. E isso se tornou um hábito… além dos livros de literatura da biblioteca, em casa, tínhamos uma estante de livros diversificados, que abordavam todos tipos de temas –desde epidemias, animais e plantas a teorias de Nostradamus.

A condição socioeconômica da minha família era relativamente boa. Tínhamos o necessário e o acesso à cultura era comum. Não me lembro de ter tido alguém especificamente que era leitor assíduo de literatura. Os meus familiares eram leitores, pelo que via nas estantes que haviam em casa, mas não necessariamente de literatura.

Na escola, as professoras de LP liam muitos textos narrativos, como crônicas, apólogos e contos… isso despertava em nós sempre o desejo de ler mais. Durante o curso dos anos finais do Ensino Fundamental, em outra escola em que eu estudava, havia uma biblioteca muito boa, cheia de livros bons, e lá podíamos pegar livros emprestados semanalmente.

Quando cursei Letras, na UFOP, tive muitos professores bons de literatura estrangeira e brasileira. Eles me apresentaram os maiores clássicos da literatura universal, e os melhores escritores nacionais e internacionais. As disciplinas da área de literatura eram sempre empolgantes para mim. Eu escolhi algumas disciplinas baseadas nos professores que as ministravam, pois sabia que eles verdadeiramente iriam nos motivar a ler e a conhecer renomados autores e suas respectivas obras.

O que me aproximou da literatura e da teoria literária foi o mestrado. Durante o curso, conheci muitas obras da literatura espanhola e inglesa. No doutorado, em seguida, aproximei-me mais da Literatura Brasileira.

Atualmente, não frequento espaços de leitura ou bibliotecas, salvo quando proponho atividades de leitura aos meus alunos. Todavia, em horas vagas, quando posso, procuro ler e reler clássicos da literatura brasileira para aprimorar meu repertório sociocultural e melhorar a qualidade das minhas aulas. Acredito que seja fundamental que o professor de Português disponha parte do seu tempo para a leitura literária, embora, com tanto trabalho, seja quase impossível, como no meu caso.

Todavia, quem dita o que nossos alunos devem ler, na verdade, raramente somos nós, seus professores, mas os livros didáticos, que sempre trazem trechos de literatura, sejam em prosa ou em verso. O que tenho notado é que as referências são de obras mais recentes e contemporâneas, o que também contribui para a nossa formação-leitora, sempre contínua. Isso atende a nossa necessidade de mantermos o repertório artístico-literário em dia, a fim de mediar o conhecimento entre os alunos.

ROTEIRO

Roteiro para relato de memória

1) O objetivo da pesquisa *A formação de leitores literários entre professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental* é investigar o modo como professores da Educação Básica, atuantes no Ensino Fundamental, constituíram-se ou não como leitores literários ao longo de sua vida. Sobretudo, buscamos compreender quais motivos, razões e circunstâncias levaram os professores a tornarem-se ou não leitores de obras literárias.

2) Para a realização dessa pesquisa, utilizaremos, como metodologia, a análise de relatos de memórias, produzidos pelos professores participantes da pesquisa. Desse modo, estaremos oferecendo aos docentes a oportunidade de serem ouvidos, ao contarem sua história de vida a partir da sua experiência com a literatura.

3) O relato de memórias, ou memorial, é um gênero textual narrado em primeira pessoa, em que o autor se dispõe a contar fatos passados, de modo a compartilhar, com os leitores, sua história e sua experiência de vida.

4) Para orientar a escrita do relato de memórias, seguem algumas perguntas que podem motivar a rememoração do seu processo de formação como leitor/a literário/a:

- Como foi o seu primeiro contato com a literatura ou a lembrança mais remota que você tem desse contato?
- Na infância ou na adolescência, você tinha acesso a livros em casa? Você frequentava bibliotecas, salas de leitura ou livrarias?
- Durante a infância e a adolescência, qual a condição socioeconômica da sua família? Alguém da sua família (pai, mãe e irmãos) era leitor de obras literárias?
- Como eram as aulas de Literatura na escola, quando você era um/a estudante no da Educação Básica? Elas motivavam a leitura?
- Quais pessoas (professores, bibliotecários, parentes, amigos, vizinhos, etc.) influenciaram, positiva e negativamente, na sua formação como leitor/a literário/a?
- Em qual universidade você se formou na graduação?

- Quando cursava Letras, você gostava ou lia obras literárias? Como eram as disciplinas da área de Literatura?
- Para além das disciplinas, você participou de outras atividades relacionadas à Literatura durante a graduação?
- Após a graduação, houve alguma formação continuada que o aproximasse mais da Literatura?
- Atualmente, você frequenta algum espaço de leitura, como bibliotecas, salas de leitura ou livrarias, ou algum clube de leitura literária?
- Atualmente, você lê obras literárias? Você gostaria de ler mais obras literárias? Quais condições você precisaria ter para ler mais obras literárias?
- Como a profissão de professor da Educação Básica contribui e/ou dificulta para que você possa ler obras literárias, da forma como gostaria?

5) O relato de memórias pode ser manuscrito ou digitado, contendo entre 20 a 60 linhas.
6) Ao longo do texto, não é necessário se identificar, nem identificar outras pessoas, por meio do nome.
7) O relato de memórias pode ser entregue pessoalmente (caso seja manuscrito) ou enviado para o e-mail ingridtomazia@gmail.com, até o início do mês de novembro.
8) Em caso de dúvida, entre em contato por meio do WhatsApp 31 9 96165326.